

Parapiptadenia rigida (Benth.) Brenan

(angelim amarelo, angico branco, angico gurucaia, guarucaia, monjoleiro)

Família: Fabaceae

Sinônimos: *Piptadenia rigida*

Endêmica: não⁴

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica⁴

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana, Silvicultura

A gurucaia ou monjoleiro é uma árvore comumente usada na arborização urbana de grandes espaços, como praças e parques, assim como na restauração de matas ciliares com ausência de inundação ou com inundações periódicas de rápida duração. Sua madeira é adequada para obras hidráulicas e expostas, construção civil, rural e naval, devido a sua durabilidade natural alta e sua resistência mecânica. Apresenta lenha e carvão de boa qualidade. É indicada para sistemas agroflorestais, para sistema silviagrícola e para sombreamento de pastagens, por apresentar copa ampla. Suas flores são melíferas, de coloração verde .

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (carrocerias, cochos, dormentes, poste, construção naval, carvão, lenha, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (apícola, ecológico, medicinal, ornamental, gomas, substâncias tanantes)

Características gerais

Porte: altura 4.0-35.0m DAP 70-80cm^{1,2,3,5}

Cor da floração: verde²

Verde amarelada.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Moderada, Rápida^{6,2}

Segundo Carvalho (2003), a espécie apresenta velocidade de crescimento lenta a moderada, porém mostra-se abundante em clareiras abertas. No entanto, Durigan et al. (1997), avalia a velocidade de crescimento da espécie como sendo rápida.

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua^{1,3,2}

Sistema radicular: Pivotante⁵

Formato da copa: Corimbiforme²

Diâmetro da copa: 13m³

Alinhamento do tronco: Reto, Inclinado^{1,2}

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Legume)^{1,2}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim^{7,2}

Pragas e doenças: Entre as pragas destacam-se: Caruncho (*Merobruchus* sp.) Coleoptera bruchidae, infestando frutos e sementes. Entre as doenças: cita-se o damping-off, doença fúngica que ataca o colo da planta, levando-a à morte, na fase de viveiro. Quando em maciços quase puros, é muitas vezes atacada por fungos e brocas-de-raiz, o que provoca a morte em reboleiras, sobrando poucos exemplares ou exemplares ocos.²

Acúleos ou espinhos: sim²

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas^{3,6}

É comumente encontrada em margens de rios e suporta inundações periódicas, mas não sobrevive em terrenos encharcados. É de grande importância no reflorestamento de matas ciliares (DURIGAN et al., 1997). Adapta-se melhor a solos profundos e úmidos (SOARES, 1998).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Secundária tardia^{1,6,5,9,10}

Polinizadores: Pequenas abelhas.^{1,2}

Período de floração: setembro a março^{5,1}

De novembro a janeiro (LORENZI, 2002); de setembro a março (BACKES; IRGANG, 2004).

Tipo de dispersão: Anemocórica, Autocórica, Barocórica, Hidrocórica²

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: junho a novembro²

Frutos maduros de junho a novembro no Estado de São Paulo (CARVALHO, 2003).

Associação simbiótica com raízes: sim^{11,5}

Associa-se com *Rhizobium*, formando nódulos coralóides (LORENZI, 2002). Segundo Zangaro (2002), em casa de vegetação, a espécie apresenta elevada colonização de Micorrizas

Arbusculares (MA), enquanto que, no campo, apresenta baixa colonização de Micorrizas Arbusculares (MA), ou seja, tem resposta mediana a nodulação de MA.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore²

Os frutos são colhidos diretamente na árvore, quando mudam da coloração verde para marrom e iniciam a deiscência. Após a colheita, são colocados ao sol, para que se abram.

Tipo de semente: Ortodoxa⁸

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento^{2,6}

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{1,5,6}

Recomenda-se colocar as sementes ao sol logo após a colheita e armazenar em sacos se pano a fim de evitar o mofo. A semeadura deve ser realizada, preferencialmente, em agosto, em canteiros ou recipientes individuais (BACKES; IRGANG, 2004). Lorenzi (2002), sugere que as mudas sejam mantidas em ambiente semi sombreado. A repicagem pode ser realizada de 7 a 15 dias após a germinação e o plantio definitivo quando a planta estiver com 20 cm de altura (BACKES; IRGANG, 2004). Durigan et al. (1997), recomenda que a semeadura seja realizada diretamente em recipientes individuais, uma vez que avalia a planta como sendo sensível à repicagem.

Tempo de germinação: 3 a 40 dias^{1,5,6}

Taxa de germinação: 40 a 100%^{5,6}

Número de sementes por peso: 20000/kg^{6,5}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{6,5}

Espécie heliófila.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

³ SOARES, M. P. Verdes urbanos e rurais: orientação para arborização de cidades e sítios campestres. Porto Alegre: Cinco Continentes, 1998. 242 p.

- ⁴ MORIM, M. P. Parapiptadenia. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 7 jun. 2013.
- ⁵ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.
- ⁶ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.
- ⁷ RIO GRANDE ENERGIA - RGE. Manual de arborização e poda. Rio Grande do Sul: Gráfica Editora Pallotti, 2000. 40 p.
- ⁸ WIELEWICKI, A. P.; LEONHARDT, C.; SCHLINDWEIN, G.; MEDEIROS, A. C. de S. Proposta de padrões de germinação e teor de água para sementes de algumas espécies florestais presentes na Região Sul do Brasil. Revista Brasileira de Sementes, Pelotas, v. 28, n. 3, p. 191-197, 2006.
- ⁹ LONGHI, R. A. Livro das árvores: árvores e arvoretas do Sul. Porto Alegre: L & PM, 1995. 176 p.
- ¹⁰ VACCARO, S.; LONGHI, S. J.; BRENA, D. A. Aspectos da composição florística e categorias sucessionais do estrato arbóreo de três subseres de uma floresta estacional decidual, no Município de Santa Tereza - RS. Ciência Florestal, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 1-18, 1999.
- ¹¹ ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. Cerne, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.